

Existe uma *Weltanschauung* da Psicanálise?

Is there a Weltanschauung of Psychoanalysis?

Amanda Barros Pereira Palmeira*

Rodrigo Barros Gewehr**

Resumo: Em Psicologia Analítica e Cosmvisão (1928/1931), Jung levanta a questão da existência de uma *Weltanschauung* própria à Psicanálise. A noção pode ser considerada enquanto orientação cognitiva e esquema que media a relação entre indivíduo e mundo em uma dinâmica de interpretação, situando, assim, as aproximações entre sujeito e objeto. Nosso objetivo é, através de uma leitura comparativa com A questão de uma *Weltanschauung* de Freud, investigar as implicações da assertiva de Jung, considerando que Freud se referia a Psicanálise como técnica e método clínico, e nunca como esquema totalizante de conhecimento. Todavia, Jung insiste no fato de que a Psicanálise possui uma *Weltanschauung* específica. Quão justa é tal afirmação?

Palavras-chave: Psicanálise, Psicologia Analítica, *Weltanschauung*, visão de mundo.

Abstract: In *Analytical Psychology and Weltanschauung* (1928/1931), Jung raises the question of the existence of Psychoanalysis' own *Weltanschauung*. The notion can be considered as cognitive orientation and scheme that mediates the relation between someone and the world in a dynamical interpretation, thus situating the approximations between subject and object. Our purpose is to, through a comparative reading with *The question of a Weltanschauung* by Freud, investigate the implications of Jung's assertion, considering that Freud refers to Psychoanalysis as a technique and clinical method, and never as a totalizing scheme of knowledge. However, Jung insists on the fact that Psychoanalysis has a specific *Weltanschauung*. How fair is this statement?

Keywords: Psychoanalysis, Analytical Psychology, *Weltanschauung*, worldview.

* Psicóloga/UFAL (Maceió-AL-Brasil), Grupo de Pesquisa, Epistemologia e Ciência Psicológica/UFAL (Maceió-AL-Brasil).

** Doutor Psicopatologia/Universidade Denis Diderot Paris VII (Paris-França), prof. Departamento de Psicologia/UFAL (Maceió-AL-Brasil).

Introdução

O termo *Weltanschauung*¹ aparece pela primeira vez em *Kritik der Urteilskraft*, em 1790. Em seu contexto original, Kant a situa na relação entre o mundo e o sujeito, no momento mesmo em que ocorre a apreensão do mundo através da experiência sensível. Assim, *Weltanschauung* (*Welt* + *Anschauung*) é uma representação geral, apreensão não conceitual, que engloba a totalidade do *mundus sensibilis* por via da interiorização imediata.

No entanto, a partir de então, a noção é ampliada e contextualizada por diversos autores. Para Heidegger (1988), levando em conta a tendência decorrente do Romantismo alemão, *Weltanschauung* passa a corresponder a uma forma de elaboração produtiva, que compreende a apreensão e a interpretação conscientes do universo. O historicismo traz consigo a reflexão social e cultural. Dilthey explora o surgimento de *Weltanschauungen* através da consciência histórica. Ao considerar a multiplicidade de sistemas que pretendem estabelecer uma visão de mundo totalizante e universalmente válida, ocorre a contradição entre este objetivo e a análise histórica. Nessa perspectiva, *Weltanschauungen* são sempre produtos da história, pois contêm em si uma visão de mundo e da vida, correspondentes à época e ao modo de vida das pessoas às quais representam. Assim, todas são transitórias e nenhuma é mais válida que a outra. Todas possuem uma mesma estrutura e têm na vida sua raiz última (DILTHEY, 1992).

A formação de uma *Weltanschauung* indica mais do que a mera vontade de conhecer e de apreender a realidade. O determinante principal para o surgimento de *Weltanschauungen* não é o pensamento; atende a uma necessidade prática, ligada à experiência da vida e à estrutura da totalidade psíquica.

A formação das visões de mundo é determinada pela vontade de obter a solidez da imagem do mundo, da apreciação da vida, da ação da vontade, que deriva do rasgo fundamental exposto de sequências das etapas no desenvolvimento psíquico (DILTHEY, 1992, p. 20).

Husserl discute a relação da filosofia com a ciência e a formação de *Weltanschauungen*. Se antes ciência e filosofia se referiam a mesma coisa, a ciência foi se afastando da filosofia com o tempo. Dessa forma, são estabelecidas

¹ No original: "(...) Denn nur durch dieses und dessen Idee eines Noumenons, welches selbst keine Anschauung gestattet, aber doch der Weltanschauung als bloßer Erscheinung, zum Substrat unterlegt wird, wird das Unendliche der Sinnwelt, in der reinen intellektuellen Größenschätzung, unter einem Begriffe ganz zusammengefaßt (...)" (KANT, 1922, p. 99).

duas vertentes: uma que defende a filosofia teórica, mais próxima ao rigor da ciência e atemporal; e outra que Husserl chama de Filosofia *Weltanschauung*, orientada para os aspectos práticos da vida e temporal. Mesmo valorizando a importância de cada uma delas, a própria distinção é vista como progresso (HUSSLER, 1981).

Estendendo a discussão, Heidegger afirma que a Filosofia tem a *Weltanschauung* como meta e que, para chegar a tal, é desnecessário diferenciar entre *Weltanschauung* e Ciência. Pelo contrário:

Pois é dito que a visão de mundo filosófica deve ser naturalmente científica. Isto significa que: primeiro, ela deve levar em conta os resultados das diferentes ciências, e usá-los na construção da imagem de mundo e na interpretação do Dasein; segundo, deve ser científica por formar a visão de mundo em estrita conformidade com as regras do pensamento científico” (HEIDEGGER, 1988, p. 7, tradução nossa).²

Através do que foi descrito anteriormente, podemos considerar que a constituição do sujeito e sua experiência de totalidade são demonstrações de que o autoconhecimento é estabelecido por mediações. Estas, por sua vez, constituem, ao mesmo tempo, a experiência do mundo e a experiência de si mesmo. Em Dilthey, com a sistematização de sua conscientização histórica, a partir da demonstração da relação entre os fatos e a experiência, há um confronto do sujeito com a história, e isto leva à reflexão acerca da moralidade; que é indispensável no tocante ao desenvolvimento das *Weltanschauungen*, partindo do ponto de vista prático proposto por ele. Tomando o pensamento de Dilthey como referência, vemos em Husserl a tentativa de reagir contra o *imprinting* resultante da aproximação entre a moral e a filosofia, o que serve como um dos fundamentos para sua *fenomenologia*. Na medida em que circunscreve o núcleo de base para a fundamentação de uma filosofia como “ciência rigorosa”, obtém assim a validade atribuída às ciências naturais através do estabelecimento de condições análogas que encontram no ‘fenômeno humano’ e na experiência humana do mundo sua legitimidade.

Dentre tais variações de sistematização conceitual, podemos notar o enfoque em diferentes aspectos e uma distinção de atributos. Além disso, a proble-

² No original: “For the philosophical world-view, it is said, naturally out to be scientific. By this is meant: first, that it should take cognizance of the results of the different sciences and use them in constructing the world-picture and the interpretation of the Dasein; secondly, that it out to be scientific by forming the world-view in strict conformity with the rules of scientific thought”.

matização da *Weltanschauung* ainda pode ser feita ao tomá-la como fator implícito ao considerar o corpo de um paradigma ou movimento, na presença de uma atitude totalizante em relação ao mundo e à vida. De modo geral, há duas vertentes principais de interpretação, que correspondem com o que Jaspers identifica como atitudes (*Einstellungen*) e imagens de mundo (*Weltbilder*), em suas dimensões subjetivas e objetivas, respectivamente (JASPERS, 1919).

Subjacente a estes aspectos está a experiência humana; o sujeito que toma consciência de si mesmo através da percepção da existência de um distanciamento entre ele e tudo ao seu redor. É neste ponto que surgem o estranhamento e a busca por uma relação mais estreita com o mundo; passa a existir o desejo de adaptação por um conhecimento que aproxime sujeito e objeto, de modo a uní-los em uma totalidade, conservando suas características individuais.

A exposição de ideias feita até aqui assume a função de demonstrar o escopo da relação sujeito/objeto e não apenas como pressuposto ou fundamento implícito, mas pensando a cisão entre eles ativamente, como algo que, constantemente, delinea a base epistêmica e ontológica no esquema da elaboração da realidade. Partindo da problematização da *Weltanschauung* na filosofia, ampliamos a discussão para a Psicologia e a totalidade dos fatos psíquicos na experiência humana, como também para a identificação do homem enquanto sujeito e objeto.

Para tanto, propomos um diálogo entre Freud e Jung, referências no campo da Psicologia Profunda e que se dedicaram, ambos, a tentativas de explicitar a relação entre suas teorias e a *Weltanschauung*. Jung publica *Analytische Psychologie und Weltanschauung* (1928/1931), no qual levanta a hipótese da existência de uma *Weltanschauung* da Psicanálise. Por sua vez, Freud retoma o mesmo tema em *Über eine Weltanschauung*, em 1933. Tomando os dois textos como base, – e salientando, desde já, que eles aparecerão em ordem cronológica inversa para melhor problematização da discussão – investigamos como ambos os autores desenvolvem a noção de *Weltanschauung*, entre semelhanças e diferenças, através de temáticas como a religião, a ciência e o que, ao mesmo tempo, aproxima e distancia suas teorias: o inconsciente.

A *Weltanschauung* na perspectiva de Freud

Em *Über eine Weltanschauung*, Freud oferece sua própria noção de *Weltanschauung*. De início, ele afirma que este é um conceito de difícil tradução e que as tentativas de fazê-lo não alcançam seu completo significado. Mesmo assim, e diante disto, *Weltanschauung* é definida como:

(...) uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo (FREUD, 1996, p. 155).

Nesse sentido, a posse de uma *Weltanschauung* eliminaria todas as dúvidas porque fornece todas as respostas através de uma explicação uniforme do universo. Isto significaria o fim dos conflitos humanos, diante da imprevisibilidade da vida e do mundo; o homem saberia agir, a partir desses modelos, da melhor forma para conseguir sua melhor adaptação e satisfação. Portanto, à primeira vista, a definição de Freud concentra-se no estabelecimento de uma unidade de representação intelectual.

Inicialmente, Freud diferencia três *Weltanschauungen* – a religião, a arte e a filosofia. A arte é identificada como ilusão sem pretensão à realidade. Quanto à filosofia, esta não consegue produzir um quadro sem falhas do universo. Tal impossibilidade ocorre pela escolha do método utilizado, que supervaloriza as operações lógicas e aceita alternativas como a intuição. Além do mais, a filosofia tem pouco alcance e é de difícil compreensão, o que reitera sua fraqueza enquanto *Weltanschauung*. Por outro lado, há a religião, que se mostra a mais expressiva das três. Através de sua conexão com as emoções humanas, construiu “(...) uma *Weltanschauung* coerente e autossuficiente num grau sem paralelo e que, embora profundamente abalada, persiste na atualidade” (FREUD, 1996, p. 157). Assim, Freud também considera que há uma dimensão nas *Weltanschauungen* que não se limita à ordem conceitual, por estar diretamente relacionada, sobretudo no caso da religião, à solução do desamparo infantil.

“É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer – reação que é, exatamente, a formação da religião” (FREUD, 1988, p. 33). Do mesmo modo, os rituais mágicos, e também religiosos, são exemplos da valorização do pensamento e das operações intelectuais. Tal fator, segundo Freud, pode ser notado na filosofia e na religião em níveis menores e, de maneira mais ampla, demonstram como a concepção de mundo está conectada ao pensamento, à tentativa de entender o mundo, e como todas as *Weltanschauungen* possuem fatores em comum, mesmo quando consideradas em níveis de progresso distintos.

O ponto central da análise de Freud é a ciência, ela é o referencial para o estudo de todas as outras concepções de mundo citadas por ele. Diante do

primeiro grupo citado por ele (arte, filosofia e religião), podemos notar a atenção ao critério epistemológico e a distinção e categorização com base no método que estabelece o conhecimento em cada um desses sistemas de pensamento. Além das três primeiras *Weltanschauungen* mencionadas até agora, Freud faz alusão ao niilismo intelectual e ao marxismo. No niilismo, a oposição à ciência é clara: considera que não há como atingir a verdade do mundo externo e todas as tentativas de fazê-lo podem ser igualmente válidas, levando em conta o relativismo desta perspectiva. Assim, “o que proclamamos como verdade científica é apenas produto de nossas próprias necessidades, tal como estas não de se expressar sob condições externas mutáveis; ou seja, também são ilusões” (FREUD, 1996, p. 171). O niilismo intelectual e sua ausência do critério de verdade, entretanto, não podem explicar as provas materiais do conhecimento científico.

O marxismo é descrito por Freud pelo reconhecimento da influência das circunstâncias econômicas sobre as atitudes do homem. Ele se torna nocivo e representa uma *Weltanschauung* que virou dogma, através do bolchevismo russo. “Embora sendo originalmente uma parcela da ciência, e construído, em sua implementação, sobre a ciência e a tecnologia, criou uma proibição para o pensamento que é exatamente tão intolerante como o era a religião, no passado” (FREUD, 1996, p. 175). Apesar da oposição ao livre pensamento e às ilusões quanto à natureza humana, Freud considera a tentativa russa algo positivo, dado seu afastamento das ilusões cristãs em favor da evolução da comunidade social.

Diante de todas as falhas apontadas nas demais *Weltanschauungen*, Freud faz a defesa do que ele denomina *Weltanschauung* científica. Ele reconhece que a ciência, enquanto concepção de mundo, difere de sua definição. A ciência não alcançou o ideal da uniformidade, mas o tem como objetivo. Suas limitações internas, contudo, fazem com que tal projeto seja sempre relegado ao futuro. O posicionamento de oposição da ciência frente a outras *Weltanschauungen* é justificado por sua noção de verdade – o completo oposto da representada pelo niilismo – segundo a qual, a verdade é única. A multiplicidade de *Weltanschauungen* pode até ser aceitável, mas não possui validade para a ciência, pois “a verdade simplesmente não pode ser tolerante, não admite conciliações ou limitações” (FREUD, 2006, p. 157).

A verdade é o maior objetivo da ciência. Segundo Freud, “permanece este o objetivo do trabalho científico, ainda que deixemos de considerar o valor prático desse trabalho” (FREUD, 2006, p. 166). As restrições adotadas no método científico foram desenvolvidas para melhor chegar a esse fim, à realidade.

O que ele chama de realidade é “aquilo que existe fora de nós e independentemente de nós” (FREUD, 2006, p. 166) e o grande intuito da ciência em entendê-la está no interesse de garantir a satisfação de desejos através de um controle relativo do mundo externo. Isso significa dizer que, em termos de *Weltanschauung*, a concepção de mundo científica tem como principal aspecto a ênfase que dá ao mundo exterior.

Assim como o pensamento científico obedece a critérios para melhor apreender a verdade, a *Weltanschauung* da ciência, descrita por Freud, rejeita qualquer tipo de ilusão – o que inclui expectativas e demais influências pessoais – por entender que isto seria contra a objetividade; aqui podemos identificar que o denominado por Freud como “ilusão” está mais próximo, na verdade, de um conceito de interferência ou intromissão da subjetividade. A mesma questão aparece também no contexto da prática clínica da Psicanálise, em relação à atuação do analista, e fundamenta um posicionamento ético. A Psicanálise é, assim, vista como um método, e não uma teoria universal a ser aplicada ou confirmada, o que, por sua vez, sustenta o estabelecimento da dinâmica analítica:

(...) quem não se tiver dignado a tomar a precaução de ser analisado não só será punido por ser incapaz de aprender um pouco mais em relação a seus pacientes, mas correrá também perigo mais sério, que pode tornar-se perigo para os outros também. Cairá facilmente na tentação de projetar para fora algumas das peculiaridades de sua própria personalidade, que indistintamente percebeu, no campo da ciência, como teoria de validade universal; levará o método psicanalítico ao descrédito e desencaminhará os inexperientes (FREUD, 1987, p. 156).

Isso mostra que o trabalho científico demanda observações criteriosas, “cuidadosamente escolhidas” a fim de retirar ou minimizar a influência de noções de desejo. Contrariamente às outras *Weltanschauungen*, a da ciência é caracterizada pela ausência de elementos irracionais, ou fundamentados no afeto, por isto a *Weltanschauung* da ciência ganha aspecto negativo. A ciência se limita “(...) àquilo que no momento presente é cognoscível e de rejeitar completamente determinados elementos que lhe são estranhos”. Freud afirma, ainda:

(...) não há outras fontes de conhecimento do universo além da elaboração intelectual de observações cuidadosamente escolhidas - em outras palavras, o que podemos chamar de pesquisa - e, a par disso, que não existe nenhuma forma de conhecimento derivada da revelação, da intuição ou da adivinhação (FREUD, 1996, p. 156).

Todos estes fatores reforçam a distinção entre as demais *Weltanschauungen* e o conhecimento científico. Entretanto, embora a ciência se abstenha a construir conhecimento com base em premissas obscuras como a revelação, ou intuição, ela precisa incluir o estudo da vida psíquica, sob pena de limitar o conhecimento e com isso “despreza as reivindicações do intelecto humano e as necessidades da mente do homem” (FREUD, 1996, p. 156). Diante deste quadro, a restrição no discurso científico é revista em face da ciência psicológica e da Psicanálise; “pois o intelecto e a mente são objetos de pesquisa científica exatamente da mesma forma como o são as coisas não-humanas” (FREUD, 1996, p. 156).

Ao declarar a Psicanálise um ramo da ciência, Freud determina seu status em relação às concepções de mundo, logo, situando-a dentro dos limites da *Weltanschauung* científica. Por isto, Freud descarta a possibilidade da Psicanálise possuir sua própria *Weltanschauung*. Ela não necessita de uma, pois adota a concepção de mundo científica. Dentro desta *Weltanschauung*, a Psicanálise inclui a mente humana como objeto de estudo e “sua contribuição à ciência consiste justamente em ter estendido a pesquisa à área mental. E, aliás, sem tal psicologia, a ciência estaria muito incompleta” (FREUD, 1996, p. 156).

Ao passo em que Freud fala da necessidade de revisar o alcance da ciência, a partir e através da inserção do estudo de um novo objeto e, assim, provocando uma modificação na *Weltanschauung* dita científica, ele complementa que:

Se, no entanto, a investigação das funções intelectuais e emocionais do homem (e do animal) é incluída na ciência, então se verá que nada é modificado na atitude da ciência como um todo, que nenhuma nova fonte de conhecimento ou novo método de pesquisa resultou daí. A intuição e a adivinhação seriam as mesmas, se existissem; porém, seguramente, podem ser tidas na conta de ilusões, de realização de impulsos plenos de desejos (FREUD, 1996, p. 156).

Portanto, segundo o exposto por Freud, a Psicanálise permite modificar os limites da ciência, admite a ampliação do campo de estudo científico através de um novo objeto, mas permanece subordinada a um método que, como veremos no decorrer da discussão, restringe seu objeto de estudo por entender que “ilusões” e realizações de desejos podem corromper a produção de conhecimento. Buscar na ciência algo além do que seu método fornece seria tão somente uma exigência emocional sem fundamento e, sobretudo, alheia às peculiaridades do inconsciente.

A *Weltanschauung* e a consciência na perspectiva de Jung

Jung também ressalta a dificuldade em traduzir o termo *Weltanschauung*. Isto ocorre pelo fato de expressar não só uma concepção de mundo, mas também a maneira como esse mundo é percebido por alguém. Nesse sentido, *Weltanschauung* denota uma atitude implícita e é a presença desta que deve ser considerada para a compreensão total do conceito. Jung explica que uma *Weltanschauung* vai além do plano intelectual e engloba todos os tipos de atitudes, o que viabiliza o surgimento de vários tipos de *Weltanschauungen* aparentemente tão distintas. Assim, Jung define *Weltanschauung* como “uma atitude formulada em conceitos” (JUNG, 1981). Ele esclarece o que chama de atitude, a saber: a organização de conteúdos e disposições psicológicas para algum objetivo específico ou por meio de um princípio norteador (JUNG, 1981). E compara os conteúdos psíquicos a um exército, explicando que assim como as ações dos soldados, a atitude obedece a disposições anteriores e é mais que simplesmente uma resposta consciente a um único estímulo.

Jung mostra sua preferência pelo termo *atitude* ao invés de *Weltanschauung*, a qual ele justifica pela maior abrangência do primeiro. Ao falar em atitude, fica em aberto a questão da *Weltanschauung*: ao mesmo tempo em que toda atitude pressupõe uma *Weltanschauung*, esta pode ser consciente ou inconsciente e isto não modifica o fato de que existe uma atitude. Enquanto não é possível viver sem atitude, há a possibilidade de viver sem uma *Weltanschauung* consciente. Isto se torna importante porque Jung relaciona *Weltanschauung* à tomada de consciência da atitude, afirmando que uma determina a outra. Uma *Weltanschauung* é, assim, determinada pela formulação da atitude em conceito, de modo a entender o posicionamento em relação ao mundo e suas próprias ações.

Isto se torna mais evidente em um contexto social. A História comprova que a relação do homem com a consciência muda. O “primitivo” possuía um nível de consciência diferente, e que era equivalente às condições de seu tempo. Este mesmo quadro já não é adequado nas circunstâncias atuais. À medida que novas informações sobre o mundo são adquiridas e ampliam a visão do mundo, o homem se adapta à mudança, por alcançar uma consciência maior e por influência da experiência nessa nova realidade. Portanto, a criação de uma *Weltanschauung* é expressão e parte do processo evolutivo, a nível individual e coletivo. E por meio dela, são criadas novas imagens do mundo e novas vivências.

A religião, por sua vez, aponta para a necessidade de uma *Weltanschauung* mais apropriada. Isto é demonstrado através do efeito retroativo advindo de

uma imagem de mundo. Deve haver correspondência entre *Weltanschauung*, a imagem de si mesmo/atitude e a imagem do mundo. Quando há mudança apenas na última, a *Weltanschauung* se torna ineficaz enquanto referencial. Assim é no caso da *Weltanschauung* religiosa, pois sua rigidez dogmática limita possíveis atualizações e cristaliza um sistema de pensamento que deveria acompanhar o desenvolvimento da experiência. A solução promovida pela *Weltanschauung* religiosa contém aspectos que vão além da experiência concreta, e que estão localizados em um mundo dito superior; o que resulta em um afastamento do mesmo mundo ao qual a explicação se refere.

Por seu caráter supostamente superior, pautado em sua base ontológica, também limita tentativas de revisão e questionamentos. Em se tratando de uma *Weltanschauung*, isto é uma falha porque tal rigidez interrompe o processo de atualização contínua próprio das *Weltanschauungen*, no que se refere ao fato de que “cada nova ideia deve ser provada, para ver se acrescenta alguma coisa ou não à nossa cosmovisão” (JUNG, 2000, p. 149). Isto porque Jung considera toda *Weltanschauung* apenas uma hipótese, na qual não cabe a crença na verdade absoluta de um enunciado sobre o mundo: “uma cosmovisão é uma hipótese e não um artigo de fé” (JUNG, 2000, p. 149).

Em contrapartida, Jung afirma que os cientistas adotam um posicionamento específico em relação à *Weltanschauung*. Muitos deles “evitam cultivar uma cosmovisão, porque, segundo eles, isto não seria científico” (JUNG, 2000, p. 149). Disto sucedem consequências contrárias ao progresso do conhecimento. Além de permanecer em um nível inferior de consciência, tal atitude perde de vista parte importante do processo.

Portanto, faz-se necessário refletir sobre a experiência em si, como também sobre a influência que a consciência e os processos e leis inerentes a ela exercem na elaboração de conhecimento sobre o mundo; principalmente levando em conta o modo como tal conhecimento é enunciado, baseado em uma oposição entre objetivo e subjetivo.

Jung identifica uma falha nas explicações científicas, que é ainda mais explícita na Psicologia. Ao nomear complexos inconscientes como causa de algum distúrbio, a explicação nem sempre soluciona o problema. Em certos casos, não ocorre qualquer mudança. “Uma explicação causal pode ser relativamente satisfatória do ponto de vista científico, mas, psicologicamente, existe algo de insatisfatório a seu respeito” (JUNG, 2000, p. 153). Há a ausência de algum fator importante, pois as respostas referentes ao sofrimento psíquico devem levar em conta o que mantém o quadro e a finalidade do mesmo (JUNG, 1981). Para Jung, só o estudo do inconsciente supre essa deficiência porque,

além da necessidade de compreensão por meio da consciência e da razão, ocorre a busca pela satisfação simbólica.

Quanto a isto, a Psicanálise de Freud é tomada como referencial. Através de seu método, objetiva “reconduzir à consciência os chamados conteúdos reprimidos que se tornaram inconscientes” (JUNG, 2000, p. 149), com o objetivo de tratar neuroses. O inconsciente é assim caracterizado como “receptáculo de todos aqueles conteúdos antipáticos à consciência, assim como de todas as impressões esquecidas” (JUNG, 2000, p. 149). Como resultado, expressões humanas como sonhos e obras de arte podem ser vistos como sintomas relacionados a conteúdos reprimidos e realização de desejos. Mas, da mesma forma que a arte e o sonho são mais do que sintomas, o inconsciente é mais que um depósito de conteúdos não aceitos na mente consciente³.

O inconsciente também é dotado de função positiva e criativa. “Sob este ponto de vista, o inconsciente aparece como a totalidade de todos os conteúdos psíquicos *in statu nascendi*, (...) como um órgão natural dotado de uma energia criadora específica” (JUNG, 2000, p. 150). Diante dessa nova perspectiva de inconsciente, Jung demonstra que a Psicologia Analítica pode cumprir com o ideal não alcançado pela Psicanálise freudiana e seu inconsciente racionalizado – contribuir com um conhecimento que vá além das fronteiras atuais da *Weltanschauung* científica em formação e em direção a uma concepção de mundo que supere a unilateralidade do racionalismo vigente na ciência atual.

A psicanálise e sua *Weltanschauung* reproduziriam um modelo de homem e de mundo correspondente ao materialismo racionalista do século XIX. Isto significa dizer que o homem é visto como “um ser instintivo, que, sob vários aspectos, se choca com as barreiras da lei, dos preceitos morais, e com suas próprias percepções, e, em consequência disto, é compelido a reprimir certos instintos no todo ou em parte” (JUNG, 2000, p. 150). Nos casos bem-sucedidos, a terapia proporciona ao indivíduo maior controle do instinto através da sublimação, garantindo sua adaptação social; o que Jung considera semelhante à repressão presente, anteriormente, no mesmo indivíduo e que é combatida por causar sofrimento. A necessidade de adaptar o homem ao mundo e à convivência coletiva, marcante em tais pressupostos psicanalíticos, indica uma concepção do mundo e um posicionamento científico, que estão em oposição

³ Este ponto de vista é revisado pelo próprio Freud com o desenvolvimento da segunda tópica e da dinâmica entre as dimensões da psique, porém Jung continuou a criticar o papel assumido pelo recalque na estruturação do psiquismo, o qual segue sendo, não obstante a introdução da segunda tópica, importante para a teoria de Freud.

ao sujeito e à manifestação de seu inconsciente, de acordo com a perspectiva junguiana.

No tocante ao estudo das *Weltanschauungen*, a Ciência é considerada apenas um dos meios para se chegar a uma *Weltanschauung*. Quando o indivíduo não possui *Weltanschauung* própria e é apenas influenciado por uma concepção de mundo inconsciente, suas atitudes retratam a influência do discurso da cultura, da sociedade, da educação que recebeu e são por elas direcionadas a um objetivo. A força da ciência em todos esses meios pode resultar em uma inversão, que a transforme de um instrumento em um fim. Nesse caso, “(...) se suas convicções herdadas lhe disserem que a Ciência não é um instrumento mas um fim em si, ele seguirá a referida divisa que vem se impondo cada vez mais e se tem mostrado decisiva na prática, durante estes últimos cento e cinquenta anos” (JUNG, 2000, p. 156).

A posição que a ciência conquistou é suficientemente sólida para que os esforços condizentes com a busca de sua consolidação, e que a projetam como um fim, deixem de ser o foco principal e ela possa ser reconhecida pelo que é – um instrumento para construir a concepção de mundo individual. A supervalorização da razão é produto de uma ciência que é tomada como fim em si mesmo, lugar este que deveria ser ocupado pelo desenvolvimento do indivíduo. Isto é evidenciado na forma como:

Alguns indivíduos têm resistido desesperadamente a esta atitude, porque sua maneira de conceber o sentido e o desenvolvimento da vida culmina na ideia da perfeição da personalidade humana, e não na diferenciação dos meios técnicos a qual conduz inevitavelmente a uma diferenciação extremamente unilateral de um *único* instinto, como, por exemplo, do instinto do conhecimento. Se a Ciência constitui um fim em si mesmo, a *raison d'être* [razão de ser] do homem está em ser ele um mero intelecto. Se a arte constitui um fim em si, o único valor do homem está na sua capacidade criativa, e o intelecto é relegado ao arsenal das coisas inúteis (JUNG, 2000, p. 156).

A escolha pelo desenvolvimento de um aspecto específico faz com que o indivíduo permaneça fragmentado em uma realidade igualmente fragmentada.

A consciência moderna se fragmentou quase irremediavelmente, na busca desses fins unilaterais e exclusivos. A consequência disto, porém, é que os indivíduos são educados para privilegiar apenas uma qualidade, em detrimento das outras, e eles próprios se tornam meros instrumentos (JUNG, 2000, p. 156).

Tal característica é identificada não só na ciência, mas em todas as outras *Weltanschauungen* propostas até então. O traço comum a todas é basear suas concepções de mundo a partir de um atributo unilateral e declarar a si mesmas como verdade absolutamente válida. Como tal, são sempre descartadas e substituídas por outras concepções. A universalidade inerente às *Weltanschauungen* pouco traduz a diversidade da experiência humana, por mais uniformes que pretendam ser.

O status de verdade absoluta pressupõe que é possível apreender o real da coisa, o que torna possível e justifica a preferência científica pela objetividade. Nas antigas concepções de mundo, o indivíduo é observado como centro e fonte do conhecimento acerca do mundo; ele o faz projetando a si mesmo no mundo externo e o conhecimento do mundo é, assim, obrigatoriamente um conhecimento sobre o sujeito. Enquanto Jung ressalta que a ciência trabalha com hipóteses, passo importante na diferenciação entre o indivíduo e o mundo, sua unilateralidade perdeu o sujeito de vista:

Mas o homem de Ciência não pensa em si próprio; só pensa no mundo, no objeto: abdicou de si próprio e sacrificou sua personalidade ao espírito objetivo. Por isto é que o espírito científico é também eticamente superior à cosmovisão de estilo antigo (JUNG, 2000, p. 157).

Todavia, o modelo científico, fundado no materialismo racionalista, impede o completo desenvolvimento da personalidade e Jung aponta para uma reação a essa tendência, acompanhada pela demanda por uma outra *Weltanschauung*. Tanto o impulso para o desenvolvimento total, quanto a elaboração de um esquema que aproxime sujeito e objeto, falam da necessidade humana de ver a si mesmo em sua totalidade. Ao dizer que uma *Weltanschauung* inclui vários tipos de atitudes, Jung mostra que diferentes aspectos buscam expressão na concepção de mundo. Se, por um lado, a *Weltanschauung* religiosa não é adequada, ela ainda assim retrata o homem. Essa imagem de homem não é completa, mas a presente na *Weltanschauung* científica também não é. O que falta nas concepções de mundo, e está presente na comparação entre essas *Weltanschauungen*, é a integração de tudo o que é humano, a compreensão da totalidade do mundo objetivo do sujeito. A Psicologia Analítica reconhece em tal sentido seu ponto de contribuição. Através do estudo do inconsciente, permite ao indivíduo observar sua experiência partindo de uma consciência histórica e progressiva.

Sob esta luz, a psicologia analítica é uma reação contra uma racionalização exagerada da consciência que, na preocupação de produzir processos orientados, se isola da natureza e, assim, priva o homem de sua história natural e o transpõe para um presente limitado racionalmente que consiste em um curto espaço de tempo situado entre o nascimento e a morte (JUNG, 2000, p. 158).

Não se trata de retornar aos moldes da *Weltanschauung* religiosa e de um misticismo puro, pois isto seria um retrocesso em termos de conscientização do homem, mas sim de continuar o processo de assimilação iniciado por Freud, “conservando-nos ao nível da razão que alcançamos com sucesso e enriquecendo nossa consciência com o conhecimento da psique primitiva” (JUNG, 2000, p. 158). E que isto ocorra sem que a razão ou a psique primitiva sejam descaracterizadas ou negadas em favor do desenvolvimento de apenas uma delas.

A questão da *Weltanschauung* entre Freud e Jung

Freud e Jung partem dos mesmos princípios gerais: *Weltanschauung* é, simultaneamente, manifestação psíquica e referência sistematizada e sistematizante. Por meio dela, o processo de compreensão do mundo torna-se possível; compreensão essa, ao menos enquanto unidade conceitual, não que ela de fato consiga explicar tudo o que existe. Jung não vê uma *Weltanschauung* específica na teoria analítica, afirma que esta, na qualidade de ciência, pode prover conhecimento para corroborar, enfraquecer ou reformular a *Weltanschauung* da ciência. Freud chega à conclusão semelhante, afirmando que a Psicanálise pode apenas contribuir para a produção de novos conhecimentos na pesquisa da área mental e adota a *Weltanschauung* da ciência por acreditar que a psicanálise participa da mesma démarche. Entretanto, neste ponto, vale ressaltar que Jung adota uma postura crítica em relação à ciência e sua unilateralidade, enquanto Freud relaciona a Psicanálise à *Weltanschauung* científica por conta de seu objeto de estudo. As características da *Weltanschauung* descrita por Jung apontam para a necessidade do autoconhecimento e o posicionamento do sujeito em relação ao mundo: a ênfase no efeito retroativo produzido por uma *Weltanschauung*, como ela se relaciona com o desenvolvimento da consciência e a produção do conhecimento, como uma cosmovisão se faz necessária para garantir a melhor adaptação do homem. Seu foco está na *Weltans-*

chauung como processo, tendo como finalidade o retorno ao sujeito e sua experiência.

Por outro lado, a leitura de Freud demonstra a importância da objetividade para a ciência e isso se evidencia no fato de seu método, aplicado à vida mental através da Psicologia, contribuir para a obtenção da “verdade” no que diz respeito à estrutura e ao funcionamento psíquico. Ao comparar uma *Weltanschauung* a outra, julgando-as por um critério epistemológico, ele tenta eleger a mais adequada – sua análise enfoca a elaboração de um conceito. Sua *Weltanschauung* é predominantemente pensada em termos coletivos. Ora ela se apresenta como ideologia (bolchevismo), como pode também tomar forma de sistema filosófico, e ainda estar presente em concepções religiosas. Em todos os casos, pressupõe a fixidez de um referencial, o que, posteriormente, se revela ser o cerne da crítica de sua validade.

Freud e Jung, cada um a sua forma, mostram como se constitui a relação entre indivíduo e mundo, sujeito e objeto e do sujeito com o conhecimento. Enquanto a *Weltanschauung*, na leitura de Jung, diz respeito, em última análise, ao processo de individuação, Freud a descreve como, fundamentalmente, um sistema de pensamento elaborado pela humanidade num processo evolutivo que culmina na ciência. Assim, a interpretação de Jung parece estar mais concentrada no nível subjetivo.

Em ambos os casos, o objetivo principal é encontrar uma maneira para que o homem viva melhor no mundo. Eles concordam que uma *Weltanschauung*, enquanto “hipótese superior dominante” (FREUD, 2006. p.155), seria teoricamente capaz de trazer satisfação plena, na medida em que forneceria respostas para todas as dúvidas humanas. A *Weltanschauung* valida a experiência e garante ao homem a sensação de pertencimento. Surge, da percepção desta necessidade, a questão do aparecimento de várias *Weltanschauungen* ao longo da história, da busca do homem por uma concepção de mundo confiável. Isso não implica dizer que Freud e Jung aceitem todas como igualmente apropriadas às necessidades atuais do homem.

Um ponto de aproximação entre eles neste tocante é a religião. Os dois adotam a *Weltanschauung* científica e, no que diz respeito às demais *Weltanschauungen*, a que mais se opõe à concepção de mundo da ciência é a religião. Isto é especialmente verdadeiro ao considerar Freud, que dedica boa parte de sua conferência à oposição entre ciência e religião. Ele admite que, ao contrário da *Weltanschauung* da ciência, a concepção religiosa se encaixa melhor como explicação uniforme do universo. Porém, o que Freud questiona é a influência afetiva contida na concepção religiosa. Em todo caso, de modo geral,

os atributos que reafirmam a religião como *Weltanschauung* são os mesmos responsáveis por sua inadequação enquanto princípio referencial e teórico.

Segundo Freud, a religião se origina do desamparo infantil e almeja o conhecimento do todo, mas o faz tendo como base condições da infância que persistem no adulto. Na crítica de Freud, não há objeções à religião enquanto expressão humana, nem tentativas de negar seu valor para a humanidade como experiência, mas ele considera inaceitável que ela dispute ser tão verdadeira quanto a ciência. Segundo Freud, qualquer avanço desse tipo deve ser rejeitado porque a religião, contrastando com o exame rigoroso da ciência, obedece a desejos e influências pessoais, motivo pelo qual suas explicações nunca poderiam corresponder à objetividade requerida pelo conhecimento científico.

Jung visualiza na religião uma oportunidade de identificar a presença da influência do inconsciente na produção do conhecimento do sujeito, já que as diversas religiões expressam os mesmos fenômenos descritos pela ciência, mas de maneira diferente. Enquanto a explicação religiosa tende a ser concreta, e quase literal em relação ao que a pessoa está sentindo, a explicação científica é quase abstrata, produzindo um discurso que, por vezes, está descaracterizado em relação à experiência. Tal pensamento é justificado pela relação do inconsciente com a linguagem simbólica, que se encontra mais evidente em experiências como a religiosa. Desse modo, o que era uma possessão demoníaca antes, pode ser chamado de histeria agora e, ainda assim, corresponder ao mesmo fenômeno. Jung (2000, p. 152) explica que “se eu digo que uma pessoa está possuída de um espírito mau, no fundo, estou simplesmente querendo dizer que esta pessoa possui uma não está realmente doente, mas sofre uma influência psíquica invisível, que ela não tem condições de controlar”. Aí está um ponto central para entender como Jung trata a *Weltanschauung* religiosa. Apesar de nomeados de outra forma, tais fenômenos persistem por terem raiz em conteúdos inconscientes; o que faz diferença é a maneira com que lidamos com suas manifestações. A religião, assim, se torna valiosa enquanto possibilidade de expressão da realidade simbólica.

Enquanto Jung prioriza a experiência religiosa e sua relação com o inconsciente como aspecto central na *Weltanschauung* religiosa, Freud considera esta uma barreira ao desenvolvimento intelectual do homem, na medida em que limita seu poder de questionamento e o retém em uma concepção de mundo reducionista, baseada em complexos inconscientes passíveis de conscientização. Reconhecendo também as falhas na *Weltanschauung* da religião, Jung aponta para sua falta de dinamicidade, por não se atualizar em um mun-

do que se transforma a todo o momento. A religião é a única que produz respostas sobre tudo, mas o faz ao mesmo tempo em que afasta o homem do mundo sensível e o redireciona a um mundo superior como meta maior: provoca, assim, o deslocamento da experiência atual.

Mas opondo-se ao argumento de Freud contra a *Weltanschauung* da religião, Jung sugere que a mesma lógica reducionista também existe na ciência. Enquanto a religião tem como base as necessidades e desejos infantis e cria uma imagem de mundo que dá preferência às influências emocionais, a ciência dá ênfase ao intelecto, à razão. Da mesma forma que uma *Weltanschauung* erigida sobre emoções não faz jus à realidade, o mesmo pode ser dito de uma *Weltanschauung* que reduz a vida, ao que é aceitável pelo racionalismo materialista. Nisso, uma não difere muito da outra e Jung se opõe a qualquer explicação que se baseie na unilateralidade. A *Weltanschauung* da ciência acaba se mostrando tão inadequada quanto a *Weltanschauung* religiosa.

O materialismo racionalista torna inviável uma concepção de mundo que abranja a totalidade da existência humana, pois se concentra em um único aspecto – o intelecto. Supervalorizar a razão e a objetividade e descartar, por exemplo, a intuição como inválida, é insuficiente para a compreensão do sujeito e para a elaboração de uma concepção de mundo fiel à realidade. Afinal, o intelecto representa apenas uma fração da estrutura psíquica. Para Jung, portanto, trata-se de a ciência reconhecer a importância da subjetividade no processo de produção e validação do conhecimento, pois, sem isto, qualquer esquema totalizante e uniforme é inviável.

É deste modo que Jung fundamenta sua crítica à ciência; que tenta separar desejo e emoção da produção do conhecimento e, desse modo, elimina qualquer abertura para influências emocionais no método científico, o que é visto por ele como fator limitante da experiência do conhecimento. Os mesmos argumentos são utilizados por Freud, mas com o objetivo de mostrar a superioridade da ciência. A razão científica pressupõe a cisão entre sujeito e objeto, de tal forma que o sujeito é quase eliminado em prol do sujeito epistêmico.

Neste sentido, a psicanálise aparece enquanto exemplo da *Weltanschauung* da ciência, reproduzindo em seu conhecimento todas as limitações que Jung observa na ciência de modo geral. Quanto a isto, ele vê na psicologia analítica uma reação a qualquer racionalização demasiada da consciência. A teoria de Freud conseguiu expandir o conhecimento a fatos até então ignorados, mas não produziu com isto uma nova visão de mundo ou atitude; afirmação retomada por Freud em sua própria fala, e expectativa que ele diz não condizer com o objetivo da ciência. Enquanto Freud considera o mesmo um mérito,

Jung vê nesse aspecto uma falha. A noção de inconsciente inaugura um novo saber, por sua qualidade como objeto e em relação ao conhecimento em geral. É por isto que Jung insiste em uma nova atitude, tendo como referência a epistemologia do saber inconsciente e suas exigências específicas.

Para Jung, o diferencial da *Weltanschauung* científica está na autonomia que dá ao homem, autonomia esta imprescindível para o desenvolvimento da consciência e da *Weltanschauung* como processo subjetivo. Ao considerar-se um fim em si mesma, entretanto, a ciência deixa a própria razão de fora de seus questionamentos, dotando-a de uma superioridade que não a reconhece como apenas um utensílio. Com isto, torna-se necessário rever a religião e o misticismo, pois assim como a ciência, eles representam uma função da mente.

Tudo que ainda está inconsciente no indivíduo é projetado para o mundo externo. A *Weltanschauung* da Psicanálise, como descrita por Jung, reforça o racionalismo da ciência, negando a importância e a expressão de funções supostamente opostas à racionalização do inconsciente. Além de significar o empobrecimento do conhecimento, isto provoca consequências na psique do indivíduo e sustenta o dualismo ciência/religião, pois a fragmentação da realidade, e do mundo externo, está relacionada à projeção do conflito entre os opostos que operam na psique e esses dois fatores influenciam um ao outro, gerando uma experiência e, da mesma forma um conhecimento, unilateral (JUNG, 1990). Nem a ciência, nem a psicanálise, podem fugir a este padrão.

Conclusão

Ao tratar acerca dos aspectos psicológicos constituintes das *Weltanschauungen*, Jaspers identifica dois componentes principais: as atitudes e as imagens de mundo. *Einstellungen* (atitudes) correspondem ao aspecto subjetivo, logo, tentativas de topologia que destacam a influência da experiência de vida e um determinado posicionamento frente ao conhecimento; exemplificam a busca pelo conhecimento e o autoconhecimento, baseados na necessidade de aproximação entre sujeito e objeto, assim como no estabelecimento de um vínculo entre eles. Por outro lado, *Weltbild* (imagem de mundo) diz respeito à formulação de ordem conceitual, que origina uma representação – a imagem de mundo. Todavia, o enfoque no caráter objetivo não suprime seu teor subjetivo; a imagem de mundo marca a transformação de uma atitude predominantemente subjetiva para sua formulação em uma expressão objetiva e sistematizada. Podemos concluir, então, que *Weltanschauungen* surgem através

da representação intelectual acompanhada por certo modo de estar no mundo e de posicionar-se. Sem este, não há *Weltanschauung*.

Tendo em vista essas distinções, podemos considerar que as noções de *Weltanschauung* elaboradas por Freud e Jung, voltadas à formalização de uma ordem conceitual e à atitude, correspondem a interpretações voltadas para a *Weltanschauung*, enquanto conceito e processo, respectivamente. Freud desenvolve uma leitura marcada pela predominância dos princípios teóricos sobre a experiência e, desse modo, caracteriza a *Weltanschauung* como condicionante do que é considerado objetivo e válido. Esta ideia fornece o embasamento para a oposição entre a objetividade do método científico e a utilização da intuição, como fonte de conhecimento.

Ao ressaltar a oposição entre objetividade e subjetividade, tendo como finalidade a validade do conhecimento, Freud define uma *Weltanschauung* que remete ao conceito, uma forma estanque e fixa, que pode ser assim julgada sob um critério de validade e é, em grande medida, um esquema consciente e intelectual. Enquanto isso, Jung desenvolve a noção enfatizando, especialmente, o aspecto subjetivo das *Weltanschauungen*, o que garante um tom de processo a sua interpretação. Contrariamente a Freud, entretanto, isso não quer dizer que a leitura de *Weltanschauung* de Jung seja unilateral; ela aparece como processo, no qual há a predominância da elaboração da concepção de mundo que, por sua vez, possibilita considerar a realidade como resultado da compreensão, através da formulação objetiva de uma manifestação subjetiva do mundo. Com isso, o estudo das *Weltanschauungen* está ligado ao desenvolvimento da consciência do sujeito e, desse modo, é parte integrante e condição do processo de individuação.

Adotando como referência o posicionamento citado acima, podemos notar que ambos possuem uma visão crítica da religião e apontam falhas em seu esquema de concepção do mundo. Freud relaciona esse fato ao desamparo, infantil e adulto, e com isso, questiona sua validade enquanto representação da realidade e princípio teórico; pois, como tal, está carregada de preceitos morais. Por outro lado, Jung reconhece que a religião é importante, quando tomada em seu modo de expressar o inconsciente, o que a torna, portanto, um aspecto fundamental da experiência humana.

No que se refere à ciência e ao discurso científico, Jung identifica um reducionismo intrínseco a sua objetividade, ao qual, segundo ele, Freud adere. Isto ocorre porque, para Jung, o inconsciente é dotado de um potencial criativo e esta energia faz com que ele seja a matriz originária de toda a psique. Considerando o inconsciente como ponto onde mundo e sujeito convergem,

Jung permite o estabelecimento de uma nova relação entre eles, no qual há abertura para diálogo e aproximação dos dois. Deste modo, a representação do mundo traz consigo influências diretas no processo da individuação e de construção da identidade. Em contrapartida, a *Weltanschauung* descrita por Freud pressupõe um processo de racionalização, por um parâmetro de objetividade, que acentua a clivagem entre sujeito e objeto, por entender que a verdade obedece um ideal de objetivismo. Portanto, restringe a experiência do conhecimento pela superficialidade das conexões.

O que caracteriza uma *Weltanschauung* é sua conexão com a vida, a qual a permite passar do plano teórico e da interpretação para o plano prático da experiência. Neste sentido, Freud se aproxima da noção de *Weltbild*. Suas análises críticas da religião, do niilismo e do bolchevismo demonstram que Freud se opõe a qualquer tipo de radicalização de ideias, porque isso significa a esterilização do conhecimento, o qual se torna tão dependente de regras ou preceitos morais, que ganha caráter de dogma. Caso tais concepções de mundo sejam empregadas como valor universal, pode haver a alienação do sujeito, diante de um conhecimento que o reprime e limita. Da mesma maneira, Freud é contra qualquer rigidez de aplicação da teoria psicanalítica, por entender que esta não deve virar uma nova moralidade ou algum tipo de a priori ao qual o sujeito é moldado – isto iria contra os fundamentos de base de seu método.

Todavia, podemos observar que a Psicanálise e a questão acerca da existência de sua *Weltanschauung* podem ser pensadas através da definição elaborada por Freud:

(...) uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo (FREUD, 1996, p. 155).

O modo como Freud examina a religião, por conseguinte, se opoio ao misticismo, julga a arte e a filosofia, condenando a intuição e a adivinhação, é realizado pela aplicação da noção de construção intelectual, como ponto inicial para a compreensão da realidade e do sujeito epistêmico; o que é feito com base no critério científico de objetividade. Ao fazê-lo, Freud atribui um lugar fixo para todas essas experiências e categorias de *Weltanschauung*. A partir disso, podemos notar que Freud segue a mesma tendência que ele tanto critica e que serve de fundamento para a oposição contra qualquer noção de *Weltanschauung* propriamente dita, já que julgada acabada, estanque e fixa. Considerando que

sua leitura não explora, ao menos diretamente, a experiência concreta da *Weltanschauung* (como essencialmente condicionantes e consequências da experiência), ele acaba reproduzindo um conhecimento estéril desse conceito, similar às ideias rígidas dos dogmas e das ideologias citados por ele mesmo. Atribuindo à ciência o papel de juiz, Freud define a fixidez do inconsciente e da consciência, por uma restrição objetiva e científica, cristaliza os lugares ocupados por mundo e sujeito em uma relação rígida, através da acentuação da clivagem entre eles, e destaca a produção do conhecimento da experiência do mesmo.

Amanda Barros Pereira Palmeira
maddyxpp@gmail.com
Maceió-AL-Brasil

Rodrigo Barros Gewehr
poesiastododia@hotmail.com
Maceió-AL-Brasil

Tramitação:

Recebido em 17/09/2014

Aprovado em 21/11/2014

Referências

DILTHEY, Wilhelm. *Os tipos de concepções de mundo*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Lusosofia Press, 1992.

FREUD, Sigmund (1933). *A questão de uma Weltanschauung*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 155-177. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

_____. (1932-1936). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (ESB, 22).

_____. (1927-1931). *O futuro de uma ilusão: o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (ESB, 21).

_____. (1912). *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 149-163. (ESB, 12).

HEIDEGGER, Martin. *The basic problems of phenomenology*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1988.

HUSSERL, E. Philosophy as a rigorous science. In: MCCORMICK, P.; ELLISTON, F. A. (Ed.). *Husserl: shorter works*. Notre Dame: University of Notre Dame Press/Brighton, Sussex: The Harvester Press, 1981. p. 185-197.

JASPERS, Karl. *Psychologie der Weltanschauungen*. Berlin: Verlag von Julius Springer, 1919.

JUNG, C. G. *A natureza da psique*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. (Obras completas de C.G. Jung). Disponível em: <[http://www.agriculturaceleste.com/pdf/Jung/Carl Gustav Jung - A Natureza da Psique.pdf](http://www.agriculturaceleste.com/pdf/Jung/Carl%20Gustav%20Jung%20-%20A%20Natureza%20da%20Psique.pdf)>. Acesso em: 22 abr. 2014.

_____. *Aion*. Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *Analytical Psychology and Weltanschauung*. Princeton: Princeton University Press, 1981. (Collected Works of C. G. Jung, v. 8, Bollingen Series, p. 358-381)

KANT, Immanuel. *Kritik der Urteilskraft*. Leipzig: Leipzig F. Meiner, 1922.